Titulo: A grande luta do século
Veículo: Revista Veja - SP
Página: Capa, 4, 52 a 57
Colunista: Ernesto Neves / Machado da Costa

Tiragem: 473.240

Data: 12/08/2020

veja
EDIÇÃO 2699 | ANO 53 | Nº 33

5 **VEJA.com**
7 **Carta ao Leitor**
9 **Entrevista** Ilan Goldfajn
12 **Leitor**
14 **Imagem da Semana**
16 **Conversa** Daniela Mercury
17 **SobeDesce**
17 **A Lista**
20 **Sensacionalista**
21 **Datas**
22 **Veja Essa**
24 **Radar**

BRASIL

26 **Lava-Jato** A rotina de Marcelo Odebrecht fora da cadeia
31 **Coluna** Murillo de Aragão
32 **Redes sociais** As dificuldades para identificar e combater a insistente praga das *fake news*
35 **Coluna** Alon Feuerwerker
36 **Ambiente** A megaoperação contra o garimpo ilegal na Amazônia
38 **Congresso** Os bons resultados da acomodação política em Brasília
40 **Política** O ministro Rogério Marinho é a peça-chave na ofensiva de Bolsonaro no Nordeste
42 **Pandemia** A saga da Prevent Senior, do epicentro de mortes da Covid-19 à recuperação
44 **Página Aberta** Everardo Maciel

ECONOMIA

46 **Conjuntura** Um novo racha entre os sócios da BRF ameaça a continuidade de Pedro Parente à frente da companhia
49 **Coluna** Maílson da Nóbrega
50 **Finanças** O Open Banking está pronto para entrar em operação e revolucionar o sistema bancário

INTERNACIONAL

52 **Geopolítica** A disputa entre China e Estados Unidos se acirra
58 **Espanha** Juan Carlos parte para o autoexílio

SUSAN WALSH/AP

52 **Olho no olho** Trump e Xi Jinping em foto de 2019: o embate agora já não é mais bélico e sim em torno de avanços tecnológicos

GERAL

60 **Gente**
62 **Educação** O dilema na volta às aulas
65 **Coluna** Claudio de Moura Castro
66 **Medicina** Pesquisadores desbravam lugares inóspitos para caçar vírus mortais
68 **Internet** Vale tudo na rede social Parler – até publicar falsidades
70 **Urbanismo** O home office abre espaço para as fazendas verticais urbanas
72 **Ciência** Pesquisa reacende a esperança de trazer de volta espécies extintas
74 **Primeira Pessoa**
76 **Saúde** Estudo comprova a força da música na malhação
78 **Beleza** O estilo natural das sobrancelhas
79 **Coluna** Lucilia Diniz
80 **Bem-estar** A ioga dispara no confinamento da quarentena
82 **Aviação** A aposentadoria do Jumbo 747 encerra a era do glamour nos céus
84 **Esporte** O destino do "efeito casa" em jogos sem torcida nos estádios
86 **Bebidas** O vinho francês está virando álcool em gel

CULTURA

88 **Música** Ao desbravar os shows dentro dos videogames, os DJs reafirmam seu poder de fogo no pop atual
91 **Televisão** A afiada alegoria social e política do drama polonês *Supernova*
92 Destaque no Emmy, a shakespeariana *Succession* preenche a lacuna de *Game of Thrones* na HBO
94 **Livros** No romance *O Avesso da Pele*, o brasileiro Jeferson Tenório fala de racismo e família
95 **Coluna** Raphael Montes
96 **VEJA Recomenda**
97 **Os livros mais vendidos**
98 **Coluna** Dora Kramer

A GRANDE LUTA

Decidida a ser superpotência, a China tromba com os Estados Unidos, que reagem. Essa briga por hegemonia vai longe e pode ser vantajosa para os países que assistem ao embate – como o Brasil

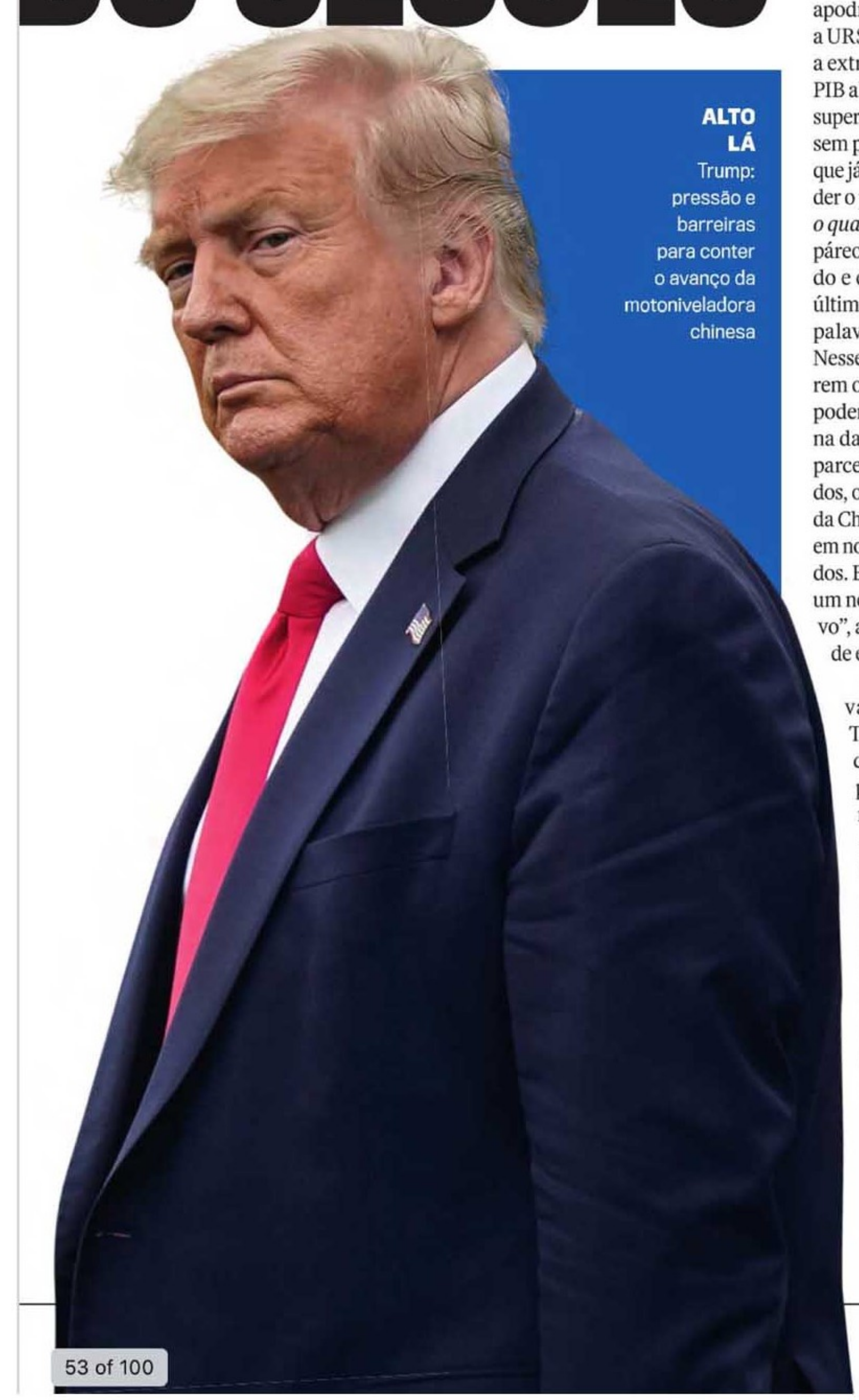
ERNESTO NEVES E **MACHADO DA COSTA**

A se julgar pelas declarações contundentes de parte a parte nas últimas semanas, China e Estados Unidos, as duas maiores economias do planeta, estão a um passo de sair no tapa. Mas na verdade o bate-cabeça, seguido de afagos, atropelados por outro bate-cabeça, é o novo normal, para usar um termo da moda, nas relações entre os dois países. A queda de braço em diversas áreas — tecnologia, comércio, defesa, combate à pandemia, até postagem de vídeos engraçadinhos no aplicativo TikTok — faz lembrar os tempos da Guerra Fria entre Estados Unidos e União Soviética que rachou o mundo em dois durante décadas. "O mundo livre tem que se erguer contra esta nova tirania", bradou o secretário de Estado americano, Mike Pompeo, tomando emprestada a linguagem daqueles tempos. "A política dos Estados Unidos para a China se baseia em uma estratégia desinformada e equivocada e está repleta de comoção, capricho e intolerância macartista", rebateu no mesmo tom o ministro das Relações Exteriores chinês Wang Yi.

SAI DA FRENTE Xi Jinping: de censura a espionagem, vale tudo na escalada para ser o primeiro do mundo

MIKHAIL SVETLOV/GETTY IMAGES

DO SÉCULO



ALTO LÁ Trump: pressão e barreiras para conter o avanço da motoniveladora chinesa

No entanto, a briga agora é outra, mais moderna, mais sorrateira e muito mais intrincada — até porque não se antevê um final em que um dos lados apodreça e caia, como aconteceu com a URSS. De um lado está a China, com a extraordinária multiplicação de seu PIB alavancando a decisão de se tornar superpotência — o que não conseguirá sem pisar no calo dos Estados Unidos, que já o são e ainda estão longe de perder o posto de primeiro do mundo *(veja o quadro na pág. 54)*. Os dois estão no páreo por dinheiro, controle de mercado e de redes de fornecimento e, em última instância, pelo poder de deter a palavra final em questões delicadas. Nesse balé, os coadjuvantes que pegarem o ritmo e capricharem nos passos podem sair ganhando. O Brasil já está na dança: tem na China seu primeiro parceiro comercial e nos Estados Unidos, o segundo. "A internacionalização da China vai continuar, o que implicará em novas batalhas com os Estados Unidos. Estamos assistindo à formação de um novo mundo, bem mais competitivo", avalia Roberto Dumas, professor de economia chinesa do Insper.

A renhida batalha do TikTok travada no início do mês, em que Trump disse que iria banir o aplicativo chinês dos Estados Unidos por seu potencial de acumular e repassar dados de usuários a Pequim e pôr em risco a segurança nacional, entra na conta das ameaças rumorosas em ano eleitoral. O presidente foi eleito prometendo deter a China e agora reforça a tática. Trump acabou dando prazo até 15 de setembro para a ByteDance, dona da popularíssima plataforma de vídeos de 800 milhões de usuários no mundo, vender a operação americana a uma empresa do país (a Microsoft, que já negociava a compra, é primeira da fila) — e ainda está exigindo "comissão" pelo negócio.

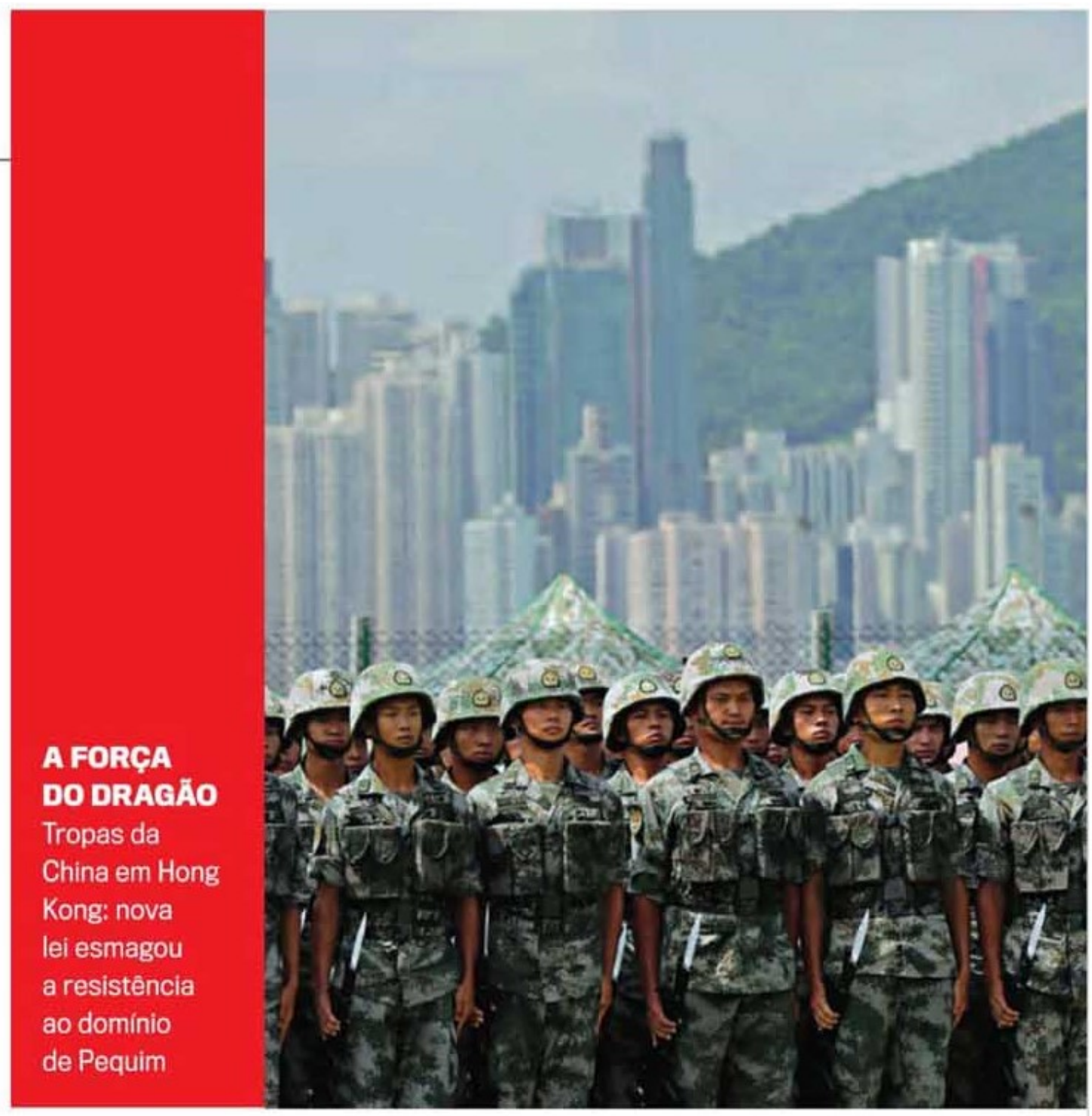
DREW ANGERER/GETTY IMAGES

53 of 100

O tempo de animosidade mútua fechou (desta vez — já houve outras) no fim de julho, quando o governo americano mandou esvaziar o consulado chinês em Houston, definido como "um centro de espionagem e roubo de propriedade intelectual", pouco depois de Estados Unidos, Reino Unido e Canadá denunciarem uma tentativa de hackers chineses roubarem dados de pesquisas de vacinas contra o novo coronavírus.

A China, de fato, tem um exército de hackers à disposição. E copiar, então, nem se fala — está no DNA da produção nacional. Mas neste momento o real confronto americano envolvendo espionagem e tecnologia — e negócios, altos negócios — tem outro alvo principal: a rede 5G, nova geração de internet de altíssima velocidade que já é realidade na China. Atrasados na corrida, os Estados Unidos vêm pressionando aliados para que impeçam o alastramento da infraestrutura oferecida pela Huawei, gigante chinês de telecomunicações com suspeitos laços governamentais (uma constante nas grandes empresas chinesas). Por pressão americana, que ameaça sanções para todo lado, desde maio a Huawei está banida dos projetos de 5G no Reino Unido, Canadá e Singapura.

Por mais que falem mal um do outro, China e Estados Unidos, responsáveis por 40% de tudo que se produz no mundo, têm economias entrelaçadas, o que reforça a previsão de que essa rivalidade não tem hora para acabar. As linhas de montagem chinesas produzem os eletrônicos de Apple, Microsoft e muitas outras empresas americanas (e não só elas como o planeta sentiram na carne quando o parque fabril chinês parou por causa do novo coronavírus). Pequim acumula 1 trilhão de dólares em títulos do Tesouro americano, perdendo apenas para o Japão. O mercado americano, por sua vez, é o maior sorvedouro dos produtos *made in* China e os Estados Unidos, um porto seguro para investimentos chineses: acionistas de lá controlam ao menos 2400 empresas americanas,



A FORÇA DO DRAGÃO Tropas da China em Hong Kong: nova lei esmagou a resistência ao domínio de Pequim

OS PRIMEIROS DA FILA

As exportações brasileiras para seus dois maiores parceiros comerciais

	% FATIA DO TOTAL	$ VALOR (em dólares)	PRINCIPAL PRODUTO
CHINA	28%	63 bilhões	*Soja*
ESTADOS UNIDOS	13%	29 bilhões	*Semimanufaturados de ferro e aço*

O GRANDE SALTO

A impressionante corrida econômica das últimas três décadas fez o PIB da China encostar no dos Estados Unidos, com previsão de ultrapassagem no futuro

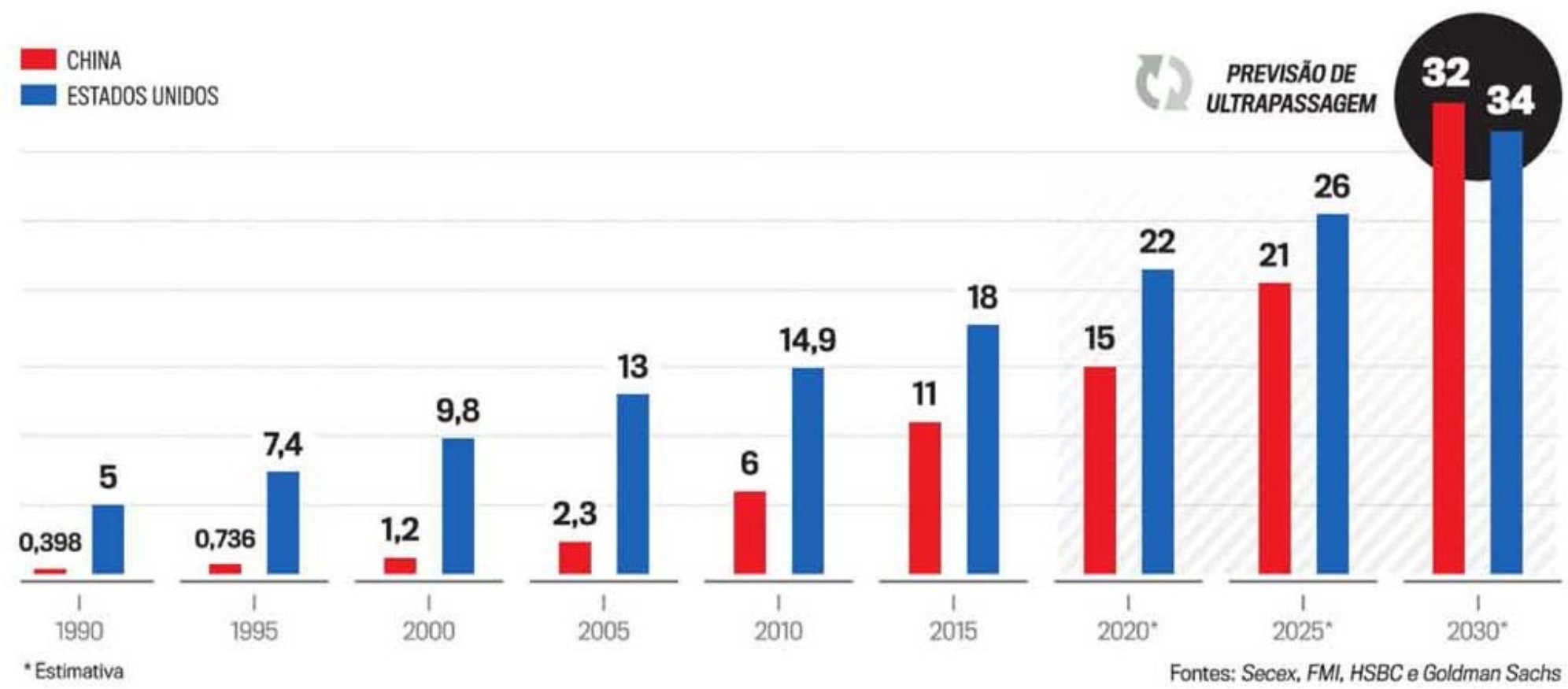
(em trilhões de dólares)

TYRONE SIU/REUTERS

em setores que vão de cadeias de cinema a tecnologia aeroespacial. "A Guerra Fria original foi definida pela oposição entre os pactos militares de um lado e do outro", diz Pascal Boniface, professor de geopolítica do Instituto de Relações Internacionais e Estratégicas, de Paris. "Nunca se viu uma disputa com a complexidade da que assistimos hoje."

Enredados em uma guerra comercial sempre a um fio de explodir, em que uma trégua acordada em janeiro não baixou nenhuma tarifa, Washington e Pequim transferiram sua briga para os organismos internacionais. Em plena pandemia, a Organização Mundial da Saúde se viu no meio do furacão: os Estados Unidos, seu maior financiador, saíram por discordar da excessiva ascendência que a China (de fato) exerce na cúpula da instituição. Na Organização Mundial do Comércio, americanos usam sua influência para praticamente suspender os trabalhos, não só porque o governo Trump favorece acordos bilaterais alheios à OMC, como para tirar da China os benefícios competitivos de estar incluída indevidamente, sem dúvida, na lista de países em desenvolvimento. Nesse ponto, o lobby americano tem funcionado. Em junho, a União Europeia deixou de reconhecer a classificação e o Japão pediu aos bancos de incentivos que reduzam os empréstimos a juros baixos dados aos chineses. A China esperneia para tentar provar, apesar de todas as evidências em contrário, que merece ser tratada com privilégios no comércio mundial. "O Ocidente tem pela frente um dilema inédito: lidar com uma potência tecnológica com valores muito diversos dos nossos", analisa Robert Hannigan, ex-chefe de um dos setores do serviço de inteligência britânico.

A estratégia de rolo compressor da China para se impor como potência manifestou-se em toda a sua ferocidade na pequena Hong Kong, a ex-colônia britânica tomada no último ano por

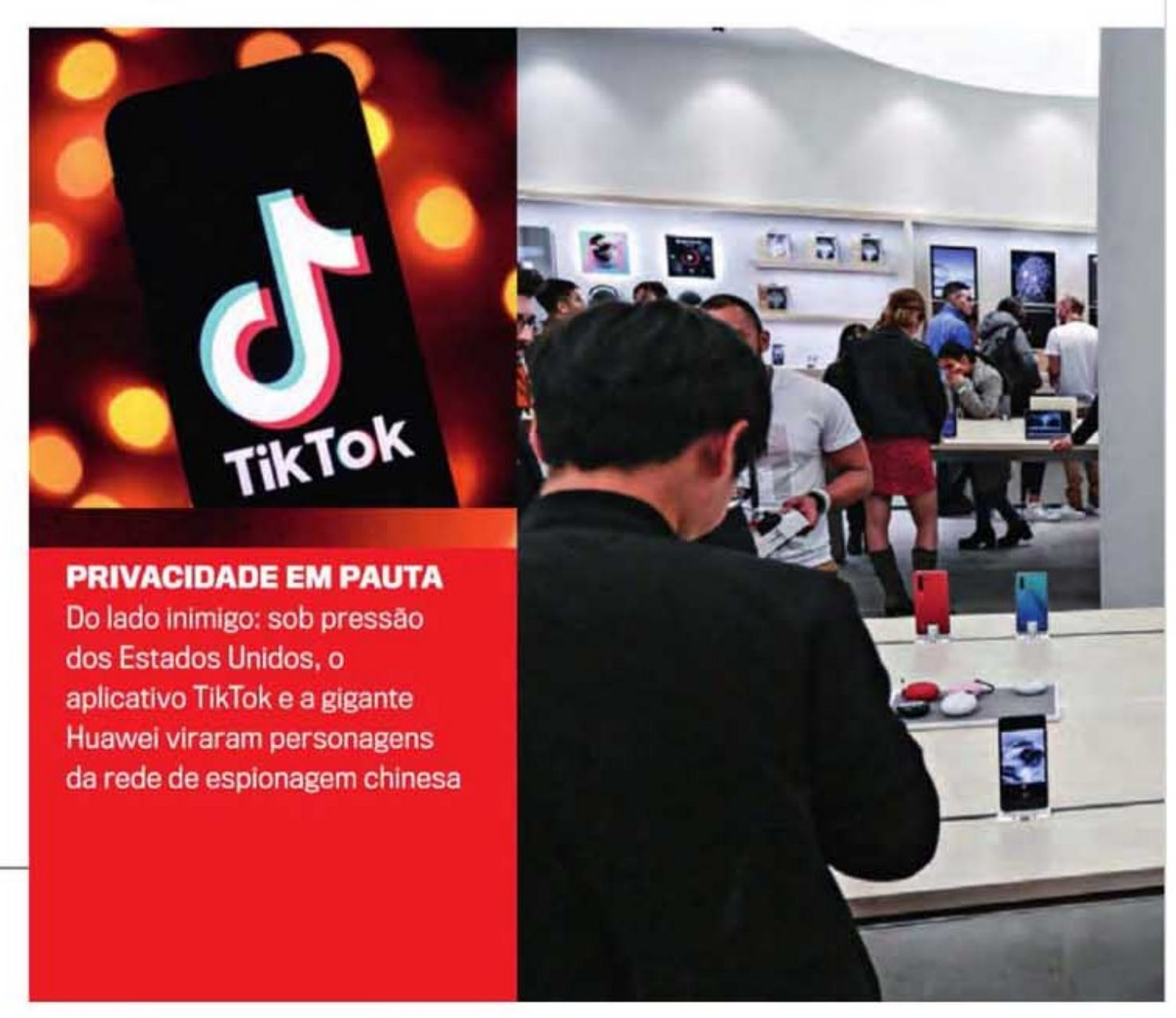


BETTMANN ARCHIVE/GETTY IMAGES

um movimento popular dedicado a se contrapor à dominação do governo central. Com a ilha semiautônoma mal saída da quarentena, Pequim aprovou uma lei de segurança que, na prática, desbaratou a mobilização e instalou tropas e agências de fiscalização no território. O mundo chiou, Trump despejou sanções, mas a ocupação continua e o presidente Xi Jinping conta com o tempo para tirar o assunto do holofote internacional. Também faz parte da agenda geopolítica de Pequim fincar posição em áreas de fronteira mal definidas, como fez recentemente em um remoto ponto do Himalaia que disputa com a Índia (resposta indiana: proibir o TikTok) e como faz periodicamente com exercícios militares no estratégico Mar do Sul da China.

Paciência é a alma da tática chinesa em seus diversos projetos de longo prazo para desenvolver rotas de dominação de comércio e tecnologia. À frente de um governo ditatorial, que recorre à truculência contra detratores e censura abertamente os meios de comunicação e a própria internet, Xi Jinping pode se dar ao luxo de não ter pressa, contando com a facilidade de impor metas e fazê-las ser cumpridas sem oposição, com imensa e barata mão de obra disponível, com a moeda desvalorizada e dispondo de dinheiro de sobra.

Com Trump ou com Joe Biden, o candidato democrata à frente nas pesquisas para a eleição presidencial de novembro, na Casa Branca, os Estados Unidos, superpotência consumada, continuarão a ser a pedra em seu caminho. O eterno confronto entre as duas maiores economias do mundo abre um leque de oportunidades para os demais países, Brasil inclusive. China e Estados Unidos, nesta ordem (*veja o quadro na pág. 54*), são os dois principais destinos das exportações brasileiras, e crescendo: entre janeiro e junho, mesmo com o baque do novo coronavírus, os embarques para portos chineses somaram 14 bilhões de dólares, um salto de 14% com relação a 2019. O cenário vantajoso é embaçado pelo alinhamento automático do governo de Jair Bolsonaro com os Estados Unidos de Trump — também aqui, por exemplo, o leilão da rede 5G, previsto para 2021, deverá excluir a mal falada Huawei, apesar de sua reconhecida superioridade tecnológica. "Nenhum país no mundo adotou o modelo americano, porque ele não é viável", disse a VEJA um secretário do Ministério das Comunicações. Por ora, sobram duas interessadas, a Ericsson, da Suécia, e a Nokia, da Finlândia. "A insistência do Planalto em atropelar a diplomacia em favor de Trump começa a afetar o país na corrida científica e tecnológica", critica o



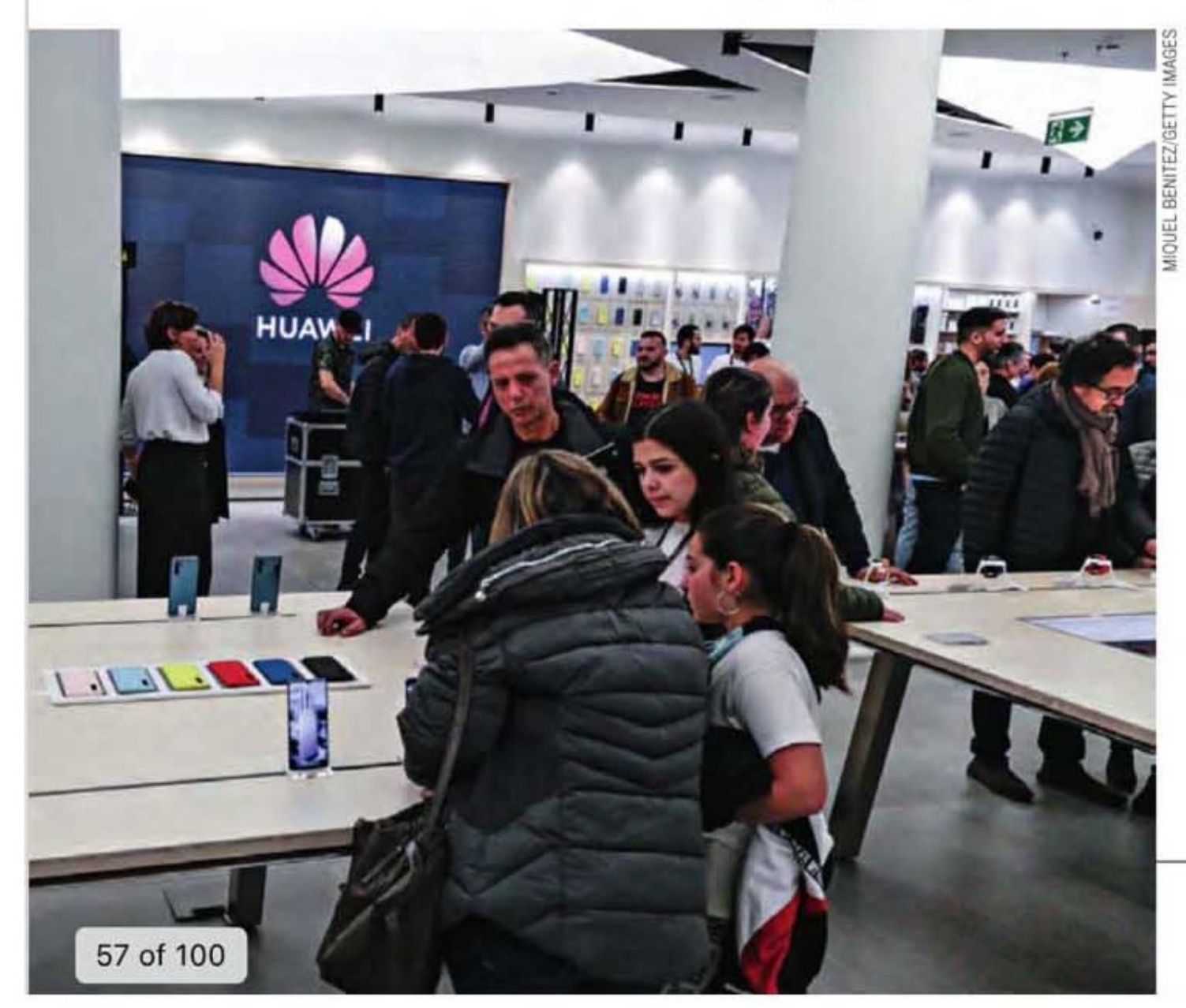
PRIVACIDADE EM PAUTA
Do lado inimigo: sob pressão dos Estados Unidos, o aplicativo TikTok e a gigante Huawei viraram personagens da rede de espionagem chinesa

GELO QUEBRADO Nixon, com Chu Enlai *(à esq.)*, em 1972: o fim da inimizade fez a China começar a olhar para fora de suas fronteiras

ex-ministro da Fazenda e ex-embaixador Marcílio Marques Moreira.

Do ponto de vista dos negócios, permitir a participação da Huawei no leilão 5G seria, de fato, a melhor opção para o Brasil. Mas a questão é bem mais complexa. Com uma formação cristã ocidental, baseada em valores como democracia e livre-iniciativa, os Estados Unidos são inegavelmente o modelo de capitalismo que o Brasil persegue (especialmente no governo Bolsonaro). O intercâmbio de brasileiros com o país, seja por aspectos financeiros ou educacionais, é muito mais intenso do que com a China, que segue regras muito próprias em assuntos como segurança jurídica, privacidade de dados e interesses do Estado. Ou seja: vale a pena comprar briga com os Estados Unidos e se aliar aos asiáticos? "O ideal para o Brasil era flertar com um lado, piscar para o outro e torcer para que o Biden ganhe as eleições e desanuvie esse clima", diz um ex-diplomata, com décadas de Itamaraty.

A histórica reaproximação entre os Estados Unidos e a China vermelha, negociada pelo conservador assessor especial Henry Kissinger e selada em um jantar em Xangai, em 1972, com o feroz anticomunista Richard Nixon brandindo palitinhos com o primeiro-ministro Chu Enlai, foi um passo decisivo para o enterro da Guerra Fria — e o começo da disputa atual. De lá para cá, o gigante oriental desatou os nós da pobreza e do subdesenvolvimento, incentivou uma industrialização a jato e se tornou a fábrica universal — na pandemia, o mundo descobriu, surpreso, que sem China não há a quem recorrer para comprar suprimentos médicos. Ao mesmo tempo, o governo restringe ao máximo a atuação de empresas estrangeiras em seu território, exigindo sempre retorno em repasse de tecnologia. O Made in China, programa lançado pelo presidente Xi, prevê que, até 2025, empresas chinesas supram 70% do mercado interno — contingente de 1,4 bilhão de pessoas que o mundo todo cobiça, Estados Unidos à frente. "Os subsídios concedidos pelo governo distorcem o mercado e excluem a competição", diz Howard Yu, professor de gestão e inovação do Institute for Management Development, de Lausanne, na Suíça. Impávidos, os chineses seguem na rota da expansão, cercados em pontos críticos pelas barreiras americanas. "A China é grande, exitosa, consegue desenvolver tecnologia própria, mas há limites para a sua atuação", acredita James Lewis, do Centro de Estudos Estratégicos Internacionais, de Washington. Essa corrida de obstáculos ainda tem muito chão pela frente. ■



MIQUEL BENITEZ/GETTY IMAGES